



TODAS AS FACES DE MARIA

HISTÓRIAS DE MARIA LAURINDA ADÃO, MESTRA DO CAXAMBU SANTA CRUZ,
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MONTE ALEGRE - CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES

GENILDO COELHO HAUTEQUESTT FILHO

Cantos de Devocção

*“ Princesa foi-se embora,
Escreveu no papelão
Quem quiser comer
Trabalhá com as suas mãos...”*

*“ Passei na ponte, a ponte estremeceu
Passei na ponte, a ponte estremeceu.
Não sou mais de que ninguém,
Ninguém é mais do que eu. ”*

*“ Aê, Aê, Aê,
Pai e Filho e Espírito Santo,
Pai e Filho e Espírito Santo,
Na hora de Deus, amém! ”*

*“ Ai, maninha, ô de dor, no coração
Pela dor que Jesus padeceu...
O sofrimento da paixão. ”*

*“ E abre a minha gira, meu Pai,
E vamos trabalhar...
Vou pedir ao Senhor, prá me ajudar
Coisa divina, Oxalá...”*

*“ Me dá licença, Santo Antonio,
Que eu quero correr o mundo.
Adeus, Adeus, meus filhos, eu vou s'embora
Adeus, Adeus, meus filhos, eu vou s'embora
Você fica com Deus e eu vou com Nossa Senhora.
Você fica com Deus e eu vou com Nossa Senhora. ”*

UM LIVRO PARA INSPIRAR MUITAS MARIAS

Ficha Catalográfica elaborada por Maria Lúcia Damasceno Fernandes
Bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal de Cachoeiro de Itapemirim-ES.

H32t Genildo Coelho Hautequestt Filho.
Todas as Faces de Maria / Genildo Coelho Hautequestt Filho; organização: Maria Elvira Tavares Costa. – Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal, 2012.
60p.

ISBN: 978-85-65435-04-8

1. Adão, Maria Laurinda – Cachoeiro de Itapemirim (ES) – Biografia. 2. Cultura popular – Espírito Santo (Estado) 3. Folclore – Espírito Santo (Estado). I. COSTA, Maria Elvira Tavares. II Título.

CDD 398.098152

ASSOCIAÇÃO DE FOLCLORE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

PRESIDENTE

Maria Laurinda Adão

VICE PRESIDENTE

Izaias Quirino da Silva

PRIMEIRA SECRETÁRIA

Niecina Ferreira de Paula Silva

SEGUNDO SECRETÁRIO

Rogério Vieira Machado

PRIMEIRO TESOUREIRO

Adílio Quirino da Silva

SEGUNDA TESOUREIRA

Erotildes Pereira da Silva

CONSELHO FISCAL

Wilson Diniz Cecon

Canuta Caetano

Romilson Laurindo da Silva

José Paulino da Silva

Eliziana Lobo da Silva

Adevalmina Adão Felipe

LIVRO

PESQUISA

Genildo Coelho Hautequestt Filho

ORGANIZAÇÃO

Maria Elvira Tavares Costa

PROJETO GRÁFICO

Causa Concept

FOTOGRAFIA

Dário Dias, Genildo Coelho Hautequestt Filho, Luan Volpato e Renilson Chagas

TRANSCRIÇÃO E REVISÃO DE TEXTO

Maria Elvira Tavares Costa

DOCUMENTÁRIO

DIREÇÃO GERAL

Genildo Coelho Hautequestt Filho

PRODUÇÃO

Olhar Produtora

CO-PRODUÇÃO

HG2 Studio

EDIÇÃO

Wagnos Pirovani

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Renilson Chagas e Fabrício Simonato

ASSESSORIA

Rosinês Machado Lima

PESQUISA

Genildo Coelho Hautequestt Filho

ROTEIRO

Genildo Coelho Hautequestt Filho

CINEGRAFISTAS

Renilson Chagas, Fabrício Simonato, Wagnos Pirovani e Pedro Uran

FINALIZAÇÃO

Douglas Fambre e William Rodrigues

MATERIAL DE ARQUIVO

Genildo Coelho Hautequestt Filho

As várias faces de Maria

Maria Laurinda Adão é uma personagem real. Para homenageá-la, recolhemos alguns testemunhos – de pessoas de importância política regional e nacional; de referência acadêmica; e de sua lida doméstica e fraternal. Registros históricos para as novas gerações se orgulharem e se espelharem nessa grande mulher.

Nascida na Comunidade Quilombola de Monte Alegre, Distrito de Pacotuba, município de Cachoeiro de Itapemirim, ES, em 03 de junho de 1943, Maria é bisneta do “Escravo Adão”, fundador do quilombo. Herdou de sua mãe os tambores e a Maestria do Caxambu “Santa Cruz”, hoje certificado pelo IPHAN como Patrimônio Cultural do Povo Brasileiro.

Líder comunitária, luta por melhores condições de vida para sua comunidade.

Parteira. Coveira. Mestra de Caxambu.

Mãe de Santo. Mulher. Mãe. Avó...

Maria Laurinda é obra da mais pura beleza!

A mulher brasileira tem sua beleza decantada em verso e prosa, por todo o planeta, mas, ela é muito mais do que se tem dito e visto.

Laurinda é um grande exemplo disso.

Capaz de enaltecer, sozinha, o gênero feminino, em suas várias faces: mulher, mãe, cidadã, líder comunitária, mestra da cultura popular, mãe de santo, parteira e coveira...

Para ela, muitas músicas parecem ter sido feitas e, é claro, Maria, Maria, de Milton Nascimento, é uma citação mais que óbvia!

Sim, Maria Laurinda “é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta!

Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta!”

A história da menina negra, nascida numa comunidade quilombola no interior do sul do estado do Espírito Santo, na primeira metade do século XX, aponta para muitas lutas e desafios.

Mãe solteira, ainda jovem, enfrentou preconceito e abandono, dentro de sua própria família – e uma filha para criar, sozinha. É de Djavan o canto que mais se aproxima de suas dores:

*“Só eu sei, os desertos que atravessei, Sol eu sei!
Sabe lá, o que é não ter e ter que ter prá dar?
Sabe lá?”*

Mas, seus jongos de liberdade moveram seus passos e a ensinaram a prosseguir, não em cantos de espera e desalento, mas, de coragem e picardia:

*“Princesa foi-se embora
Escreveu no papelão:
Quem quiser comer
Trabalha com a sua mão!”*

Laurinda trabalhou e não deixou faltar nada para Sandra, sua filha.

Agricultora, parteira, coveira. Suas mãos têm estado presentes, há décadas, no início e no fim da vida dos moradores da Comunidade Quilombola de Monte Alegre, distrito de Pacotuba, município de Cachoeiro de Itapemirim, ES.

Guerreira, transformou sua experiência de vida em exemplo de dedicação e partilha. Laurinda não para: sua participação cidadã nos diversos conselhos e movimentos em favor da mulher, da luta camponesa, da defesa da cultura popular evidenciam a dimensão da sua obra.

As cantigas do antigo cangaço cantavam a outra

Maria, também bonita, também guerreira, que também não tinha tempo para parar chorando – pois, é sempre hora de trabalhar. Mesmo sendo a mais bonita!

*“Acorda Maria Bonita,
Levanta, vem fazer o café,
Que o dia já vem raiando
E a polícia já está de pé”.
(Antonio dos Santos)*

A nossa Maria se mantém de pé!

Como para tantas outras Marias, para ela também não houve tempo nem condição para o estudo formal – o letramento ausente é assumido, mas, sublimado pela sabedoria superior da alma. Sua palavra, bem dita, é capaz de guiar, pontuar e iluminar.

A dedicação à sua missão e fé, por caminhos tão árduos de preconceito e marginalização, é lição de fidelidade e compromisso: seu Centro Espírita reerguido com seu próprio esforço é a prova concreta disso.

Maria ainda trabalha.

A enxada ainda abre e cobre covas, para plantar sementes e para reconduzir seus irmãos e irmãs ao seio da terra.

Ali, no momento final da despedida, tantas vezes repetido e apreendido, Maria renova em seu coração a grande lição:

*“Passei na ponte,
A ponte estremeceu.
Não sou mais do que ninguém,
Ninguém é mais do que eu!”*

Salve, Maria!

Maria Elvira Favares Costa

*Prá mim a vida foi
difícil, mas, eu me sinto
alegre, graças a Deus!*





Maria Laurinda Adão

Nós fizemos o velório, depois, nós fomos prá lá para fazer a cova. Ai, acabou de fazer a cova, fiquei lá esperando o enterro chegar. É distante, né? *(Sobre a morte de sua mãe).*

Quando a gente varre a nossa casa, qual a primeira coisa que nós temos que fazer? Vamos varrer a casa e sacudir o tapete, prá sujeira não ficar. Pedimos a Deus também, prá abençoar nosso povo, que foi criticado, nosso povo que foi massacrado, que foi agredido pelos homens grandes mas hoje eles ficaram “mais pequenos” do que a vassoura. *(Em palanque, ladeada pelo Prefeito, pelo Secretário de Cultura de Estado e pela Secretária de Cultura Municipal, rebatendo reportagem ofensiva à sua religião, publicada em jornal local).*



Foto: Massimo Sestini



... Depois que peguei um compromisso, eu quero honrar ele.

Eu comecei a fazer parto, eu estava com doze anos. Eu ficava lidando ali, até o umbigo cair. Tinha vez que ficava até mais do umbigo. Tinha mulher que dizia: - "Ah, não. Vem dar banho prá mim!" Ai, eu ia prá lá, dava banho, ficava com eles. (Sobre ser parteira).

Meu Pai era rocha! Ele trabalhava até dia de domingo. Se a gente fosse no baile, a gente chegava do baile e ele mandava ir lá trabalhar. Ficava dia inteiro trabalhando. Dizia que era castigo. Das filhas, a mais sofrida fui eu.

Aí comecei a sentir, assim, meu estômago embrulhado. Falei: - Ah, vou fazer um chá, deve ser a manga que eu comi." Nem bebi o chá! Voltei, deu a dor, voltei prá trás devagarzinho...

Naquele tempo, a gente sabia ficar grávida! Hoje em dia, o povo não sabe ficar grávido mais não. Nem bem ficou grávida, já mostrou a barriga e começa a falar prá todo mundo que está grávida. Eu fiquei nove meses dentro de casa e o meu pai não sabia que eu estava grávida! Só quando nasceu que Vovó veio prá cortar o umbigo e ele levantou prá sair pro serviço. Ficou muito bravo, passou a mão na foice. Aí, a minha avó ajoelhou na porta, tirou o peito prá fora e falou: - Por essa pelanca que você mamou aqui, você não vai entrar. Eu dormia numa despensa. A Vovó não deixou ele passar. Aí, quando ele saiu prá roça ele falou: - "Quando chegar eu não quero essa cachorra aí, de cachorrinha, não!"

(Sobre o desafio de ser mãe).

Meu avô morreu. Depois, meu pai morreu. Meus tios morreram. Aí, só ficou, somente, a minha mãe. Ai, a minha mãe passou o Caxambu para mim... e está comigo até hoje! Aí, eu entro na roda de Caxambu e eu me "acho", né? *(Sobre o Caxambu)*





Foto Renilton Chagas

Nós todos fomos criados, a bem dizer, no Centro da Andorinha. Lá, prá cá de Jerônimo Monteiro. Sempre quando a gente chegava no Centro, aí tinha um chefe que falava que a gente tinha os dons. O primeiro dia que disse que eu desenvolvi mesmo, disse que eu bati corrente com coisa que eu estava acostumada a trabalhar há muitos anos.

Aí, eu andei três dias, direto. Saí numa sexta; saí num sábado; saí num domingo. No domingo que eu saí, já trouxe a decisão.

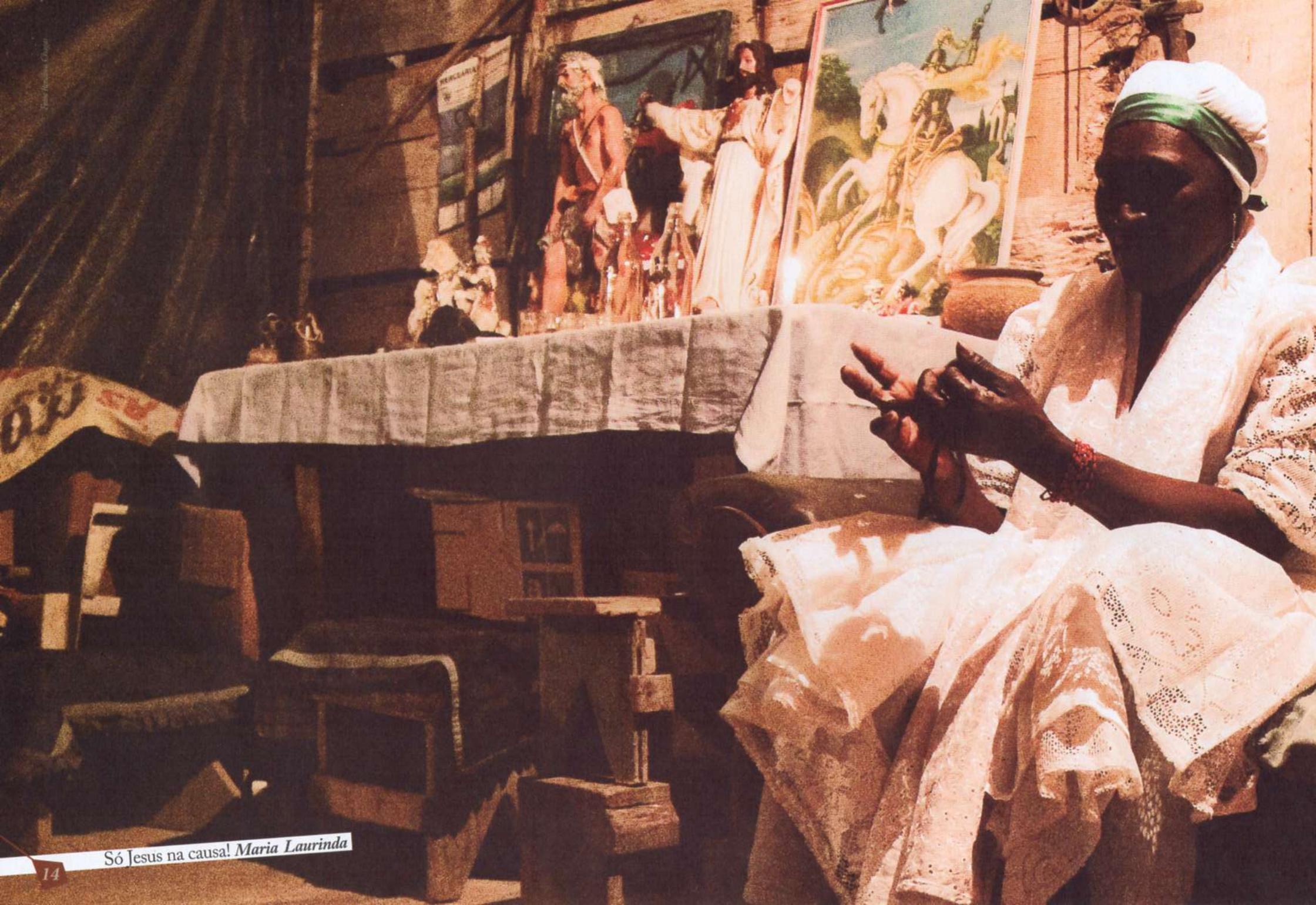
Estava com a chave no bolso, passei lá, no Centro, abri o Centro e apanhei o que eu pude, e trouxe para a minha casa. O que eu não pude, o que eu vi que não dava para mim, eu deixei para lá. E hoje em dia estou aí, batendo, batendo.

Comecei trabalhando dentro de casa. Muito pequenininha a minha casa. O pessoal ficava com coisa que era um corredor. O pessoal estava igual boi no curral. Igual um corredorzinho. E, depois, combinamos e fizemos o Centro. Durou bastante, muitos anos. Depois, o Centro caiu. Tinha muitas pessoas que deram força, que iam ajudar. Mas, nesse ajudar, foi para sete anos e tanto.

Mas, Deus me deu força! Deus me deu tanta força que primeiro dinheiro que eu recebi foi contar história lá no São Camilo. Foi R\$500,00. O rapaz tratou por R\$200,00, quando terminei de contar a história, o rapaz me entregou R\$500,00, no envelope. Aí, contei e trouxe para casa. Falei – “Vou guardar esse dinheiro, esse dinheiro vai servir para alguma coisa!” E foi indo, e foi indo. Aí, sobre o negócio de Caxambu também, fui beneficiada com R\$10.000,00. Não tirei um centavo para comprar uma agulha! Ajudei tanto e não teve um prá vir aqui, pelo menos, ajudar um dia. Não teve um. Nem para botar uma pedra dentro da valeta.

A gente tem que trabalhar para vencer.
Pode, quem quiser chatear; pode chatear que eu não vou ligar. A minha vontade, o desejo que eu tinha era fazer esse Centro prá falar assim: - "Deus me deu a força, Deus me deu o poder e eu fiz!" Está aí! Para todo mundo ver.
Enquanto a gente acreditar nos outros, nada acontece. A gente tem que saber quem é a gente. Que a gente, botando Deus de frente, a gente tem força e tendo vontade, as coisas conseguem sair. *(Sobre seu compromisso religioso).*

Meu nome é Maria Laurinda Adão.



Só Jesus na causa! *Maria Laurinda*



Maria é sagrado, né? Vem lá de Ave Maria. É um símbolo também do Maior, da Mãe, daquela que ajuda a nascer. E Laurinda é nome de guerra! Então, é uma guerreira sagrada!

Maria Laurinda é um símbolo: um dos grandes símbolos da cultura capixaba!

Maria Laurinda, ela tem uma singularidade: ela consegue atuar na cultura, preservando os seus legados, do nascimento à morte.

A causa dela é a religião, é o Caxambu. Ou seja, a grande causa da vida da Maria Laurinda é dar continuidade e preservar as culturas de matrizes africanas.

Maria Laurinda consegue preservar esse rito, preservar o número de pessoas envolvidas nessa religião, apesar da atratividade dos tempos modernos para outras religiões que surgiram e, talvez, por serem novidade sejam mais atrativas; apesar da intolerância religiosa; apesar das dificuldades financeiras; porque ela tem uma grande riqueza interior que a ajuda a preservar por mobilizar as pessoas. Ela é uma pessoa de referência, uma pessoa que desperta total credibilidade pela sua história de luta pessoal. Apesar das dificuldades de ser mulher; de morar no interior; de viver numa comunidade rural; de fazer parte de uma religião que não é aceita por todos, sequer pela maioria; mas, ela tem uma força interior que faz com que a crença dela sublime todas essas dificuldades.

*JOELMA CONSUÉLO FONSECA E SILVA
(SUB-SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA)*

As notas fiscais, a gente pedia essas notas fiscais nos supermercados e aquilo ali valia; a gente trocava. A gente ganhava prêmio. A gente ganhava uma porção de coisas para levantar a UCM. Aí, depois, foi para a SOS Mulher e agora já partiram para o Conselho da Mulher. Já estou dentro, também. Tudo isso eu estou no meio. Estamos aí, lutando! E quando eles precisam de mim, aí eles vão chamar e a gente vai lá, prá poder fazer reunião; a gente vai lá prá longe, também, não é só aqui no Espírito Santo que a gente viaja. *(Sobre suas ações de cidadania)*

MARIA LAURINDA

Ela tem uma história, entendeu? Uma história de resistência!

A Maria Laurinda, eu sempre digo que ela é uma estrela, ela é mulher, que veio neste mundo pra cumprir uma jornada muito linda.

Da União Cachoeirense de Mulheres ela já foi para os movimentos estaduais; ela participa do Movimento Nacional das Mulheres Camponesas, um movimento que se organiza em vinte estados do Brasil. Ela está participando do processo político no Estado e acompanha a luta das mulheres, a nossa luta, a luta mais geral, há muito tempo. Já vão vinte anos, por aí!

Eu convivo com Maria, na luta das mulheres. A partir daí a gente também passou a conhecer o Caxambu.

A Maria resistiu a essas coisas todas: provas que foram sendo colocadas ao longo dos anos. Resistiu nos seus compromissos, porque ela quando assume um compromisso vai até o final. Não importam as dificuldades. Então, eu acho que ela é uma mulher muito importante para o Espírito Santo e para o Brasil.

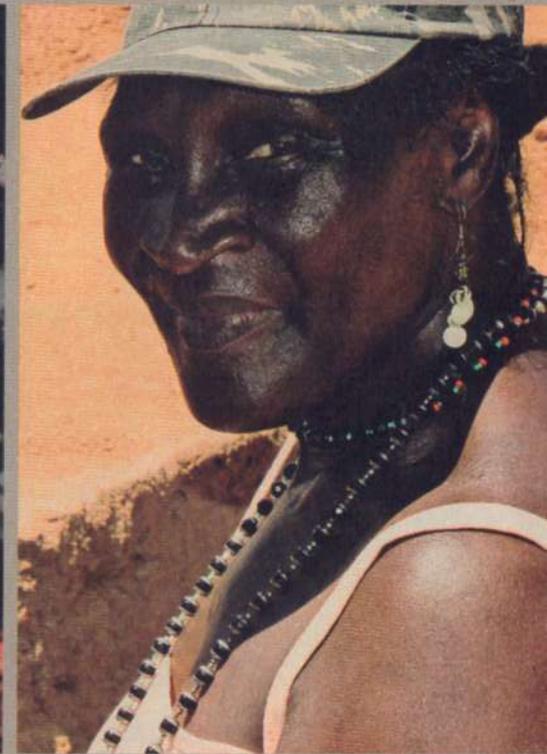
EDNA MARTINS (LIDERANÇA FEMININA ESTADUAL)



Foto: Luani Vulpato



Foto: Renilson Chagas





Apren­di com a minha mãe, com a minha avó. É tudo de família isso. Maria Laurinda



*Colocando Deus
de frente a gente
tudo consegue.*
Maria Laurinda



Foto Dário Dias



Foto Rebeca Grazzi

Foto Dário Dias



Eu me deparei com algo que eu nunca tinha me deparado, vamos dizer assim numa forma bem simplória. Como é possível uma pessoa manter uma história, uma tradição, um elemento concreto daquela história, daquela tradição... há tanto tempo? De forma tão simples?

Eu estou atrás do “Dançar, cantar e batucar”. Eu estou entendendo, diante das pesquisas que eu venho fazendo, que é a minha tese de doutorado, que essa força é movida, regida e dinamizada pelo “dançar, cantar e batucar”.

O negócio é você se permitir estar lá, presente. É você se permitir estar na dança. É você abrir o seu coração e estar junto com as pessoas, compartilhando existência. E, a partir desse momento, você é convidado a estar na roda. E eu entrei na roda, várias vezes. Com uma fogueira, sempre ao lado, sempre à noite: foram os meus momentos mais inusitados.

Da primeira chamada, é pedindo licença aos espíritos e ao Pai, Todo Poderoso, que a roda vai começar.

Mas, ela não deixou de prestar suas preces. E lá estava o seu altar. Fiquei admirada, também.

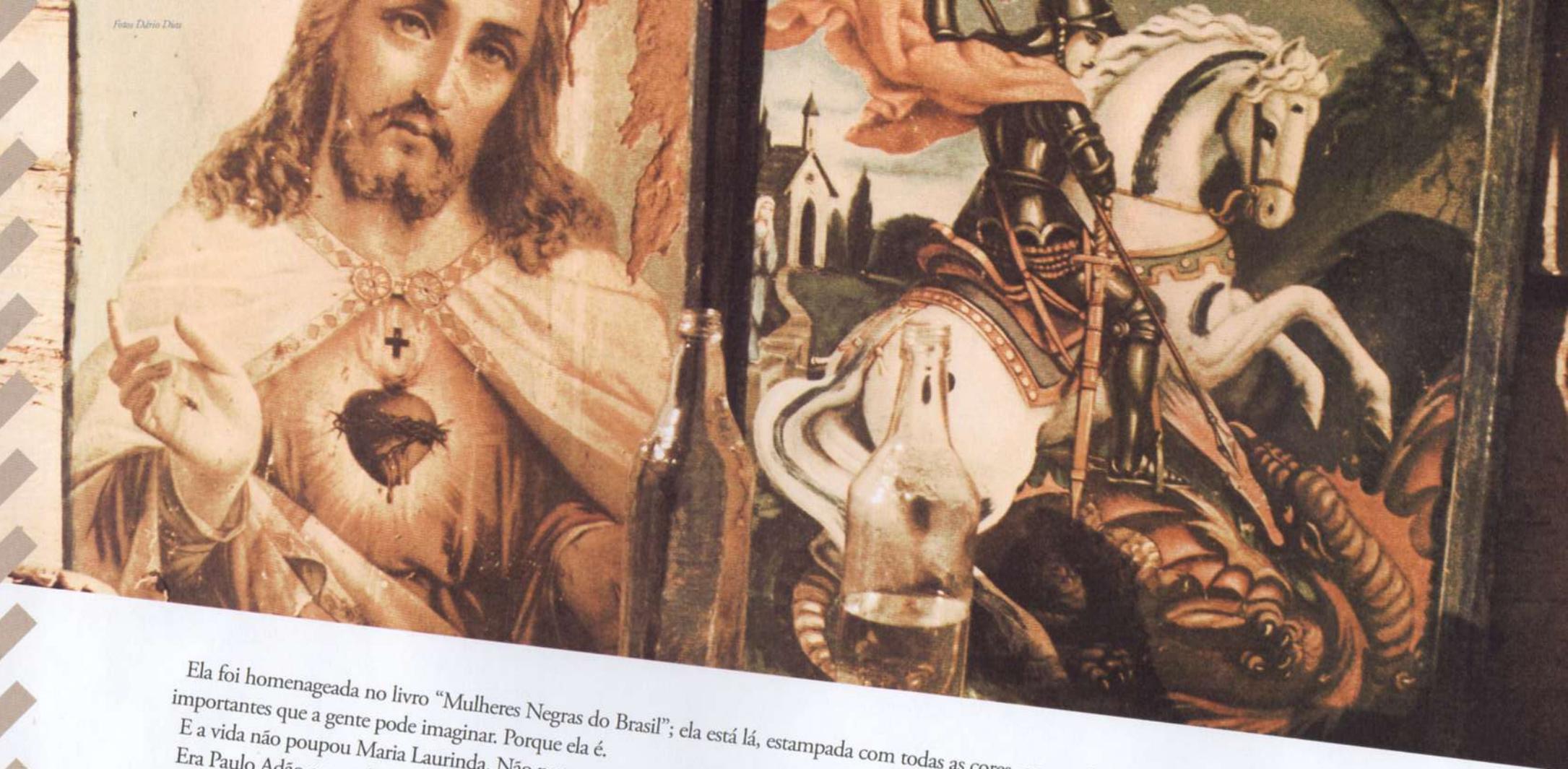
Ela é um exemplo, sobretudo de mulher. E ela traz isso até nós. E nos ensina. E nos fala sobre isso. Não necessariamente com palavras, mas, com ações. Ela tem uma nobreza que não precisa estar escrita em livro nenhum. Mas que a gente encontra a essência no seu fazer, na sua fala simples, no se olhar.

SARA PASSABOM (MESTRA EM ARTES CÊNICAS)



Ela trabalha semeando, ela trabalha colhendo e ela trabalha cortando, também. Ela vai ajudar no parto e ela vai processar a morte! Para mim, talvez, uma das cenas mais lindas que eu vi de Maria Laurinda foi o sepultamento da Mãe Velha. Acho que foi uma das coisas mais fortes que eu vi na minha vida. Eu perguntei prá ela: - Mãe, você vai sepultar o corpo da sua mãe? E ela disse: - Ora, meu Deus! Se eu faço isso com todas as pessoas; se eu cuido de todas as pessoas, nessa hora, por que que eu não vou cuidar da minha mãe? E ela esteve lá, de pé, com a enxada dela, depositando o corpo da mãe, de volta prá Mãe Terra. Uma das coisas mais lindas que eu vi na minha vida!

Ela não se envergonha de dizer que ela tem dificuldade de reconhecer as letras. Mas, ela é capaz de argumentar como ninguém. E argumentar com toda a pureza do coração dela. Ela é capaz de ir, seja prá Brasília, seja pro Nordeste, e representar com tanto orgulho a nossa cidade, a cultura popular, a comunidade quilombola de Monte Alegre, as mulheres do Brasil.



Ela foi homenageada no livro “Mulheres Negras do Brasil”; ela está lá, estampada com todas as cores, com todas as belezas, ao lado das mulheres mais importantes que a gente pode imaginar. Porque ela é. E a vida não poupou Maria Laurinda. Não poupou na sua origem, origem pobre, de negra quilombola, mulher... Era Paulo Adão o guardião do Caxambu, o guardião da fé, o líder. E, em dado momento, ele abdica dessa posição. Ele se converte a uma religião evangélica e ele abandona as crenças e tradições originais da família dele. E é nesse momento, que Maria Laurinda assume. Só quem já foi em Monte Alegre e entrou na casa dela tem a noção exata das dificuldades financeiras que ela vive. Da luta, realmente, que ela tem. Laurinda recebeu um dinheiro e ao invés de reformar a casa dela, de aumentar, de seja lá o que for... Laurinda resolveu reconstruir o Centro Espírita dela, que havia desabado há muitos anos, se não me engano desde 2005, e que 200.000 pessoas prometeram reerguer e não haviam reerguido.

MARIA ELVIRA TAVARES COSTA (CONTADORA DE HISTÓRIAS)



Essa moça aqui é muito querida!

Ela é “matriz africana”; ela é “comunidade de terreiro”; e ela é “população tradicional”, pelo viés da herança quilombola. Então, essa multiplicidade dá a ela instrumentos de conhecimentos e de saberes que eu, por exemplo, não tenho. Coisas que a Maria sabe por naturalidade, porque ela recebeu a informação da bisavó da bisavó da bisavó, que chegou pela bisavó, prá avó, prá mãe e prá ela. E é por isso que ela é guardiã de tanta sabedoria.

O que ela faz, faz com consciência política; ela faz porque ela é uma militante política, strictu senso. Ela não é só uma militante partidária, ela é uma militante política na sua universalidade. Ela é militante da causa das mulheres, dos negros, dos pobres, dos quilombolas... e é, também, uma militante partidária.

Maria é amor, mobilização e muita teimosia.

IRINY LOPES (DEPUTADA FEDERAL, SECRETÁRIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES DO GOVERNO FEDERAL)



Foto: Luana Volpato

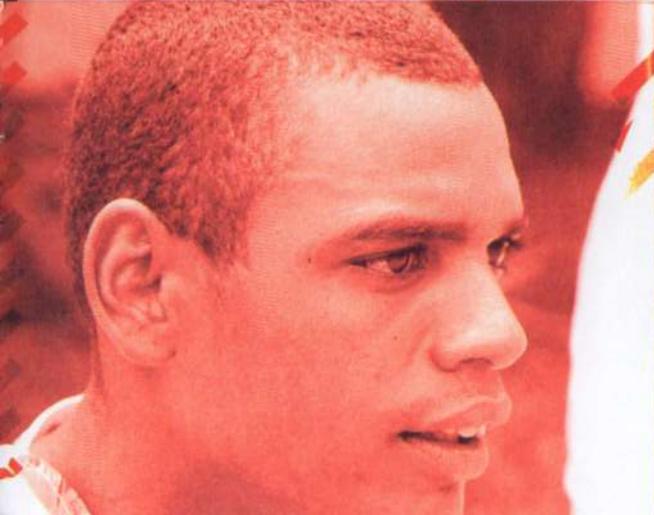
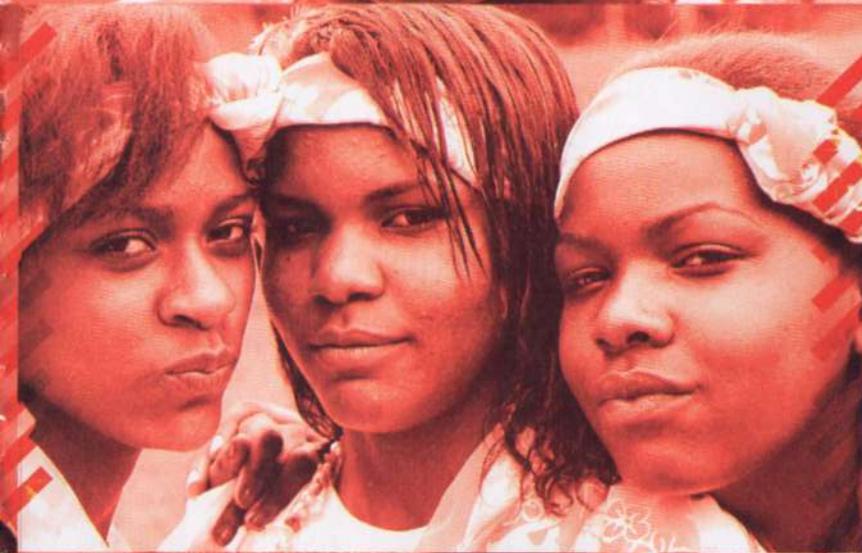
Você percebe que a missão
dela é ajudar as outras pessoas!

ROSINÊZ MACHADO LIMA
(ASSISTENTE SOCIAL)



Foto: Dávia Dias





É a parteira, aqui de Monte Alegre.

EDNA ALVES GONÇALVES (QUILOMBOLA)

Espera aí, que eu vou contar: Rosana, Márcia, Lizamara, Rodrigo... Tem quatro aqui!

ELIZAMAR VENTURA ALVES (QUILOMBOLA)

*Ela é uma pessoa que sempre procurou ajudar o lugar.
Não tem, assim, uma grande força porque ela quer fazer
e muitos atrapalham.*

*E os que, talvez, tem condições, que estão com a mão naquilo
e podem ajudar... embarga a fazer.*

AZENILDA VENTURA PAULA (QUILOMBOLA)



*Já ajudei muitas
pessoas e, hoje em dia,
eu ainda ajudo, ainda.*

MARIA LAURINDA



Minha mãe é a Maria Deolinda
Alves Barbosa. E ela é a segunda
minha, minha e de meus filhos.

(QUILOMBOLA)

Um pouco de ciúme, né?
Quando as pessoas começam com “mãe” daqui,
“mãe” dali, eu começo com ciúme! Mas, não tem
jeito porque ela é mãe de umbigo das pessoas da-
qui, então, não tem jeito de não falar que ela é mãe.
Ela é mãe das crianças todas, quase, de Monte Ale-
gre. Poucas crianças, aqui, nasceram no hospital.
Sem ela eu não sou nada!

SANDRA ADÃO (FILHA)

*Só tinha a dor mesmo, na
hora de ganhar.
Mas, sempre ela curou
o umbigo, até o umbigo cair.
Nunca teve problema
nenhum!*

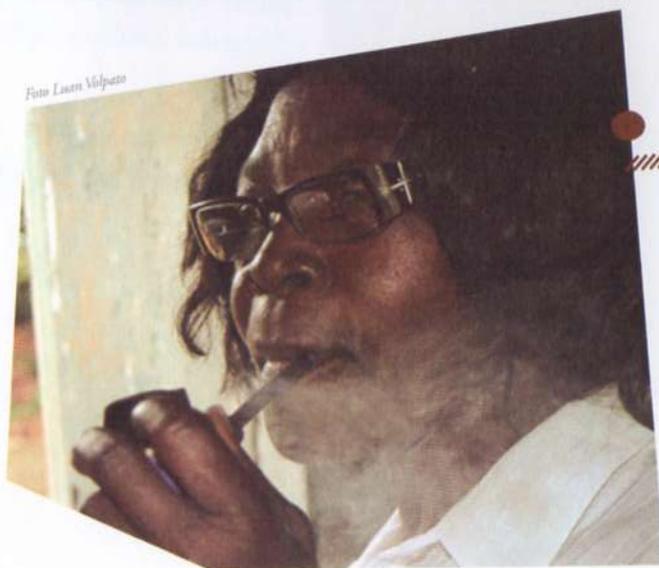
NEUZA VENTURA
(QUILOMBOLA)





Dá bastante ciúme! Nossa, na hora que os outros falam: “_Ah, é a minha mãe de umbigo, minha avó.”
Eu falo: “_Não, é só minha avó.
Não vou dividir minha avó com ninguém!”
LIZANDRE ADÃO (NETA)

A vida... A vida foi muito “sacrificosa”.
Era assim, depois cresceu e começou a namorar.
Aí ela tomava um castiguinho do papai.
Eu estava no Rio, morando lá.
Com pouco tempo, eu soube que ela tinha ganhado a menina.
E papai a botou pra fora de casa.
ADEVALMIRA ADÃO FELIPE (IRMÃ)



A criação nossa era criação de roça.
Era na enxada. Meu pai criou a gente na enxada.
Na criação da roça tem que casar para depois
fazer menino. Aí, a raiva dela mais era isso.
ELVIRA ADÃO (IRMÃ)

Foto Renilson Chagas



Ela não quer impor nada a ninguém.
Ela é muito fiel, muito honesta no que ela quer, no que ela fala.

Ela nunca é meia: a Maria é inteira! Ela é o que é. Ela nunca faz pose prá agradar alguém, não.

O que ela tem que falar ela fala mesmo. Ela é muito autêntica.

Eu costumo dizer que “Monte Alegre” é nome e “Maria” é sobrenome - de Monte Alegre!

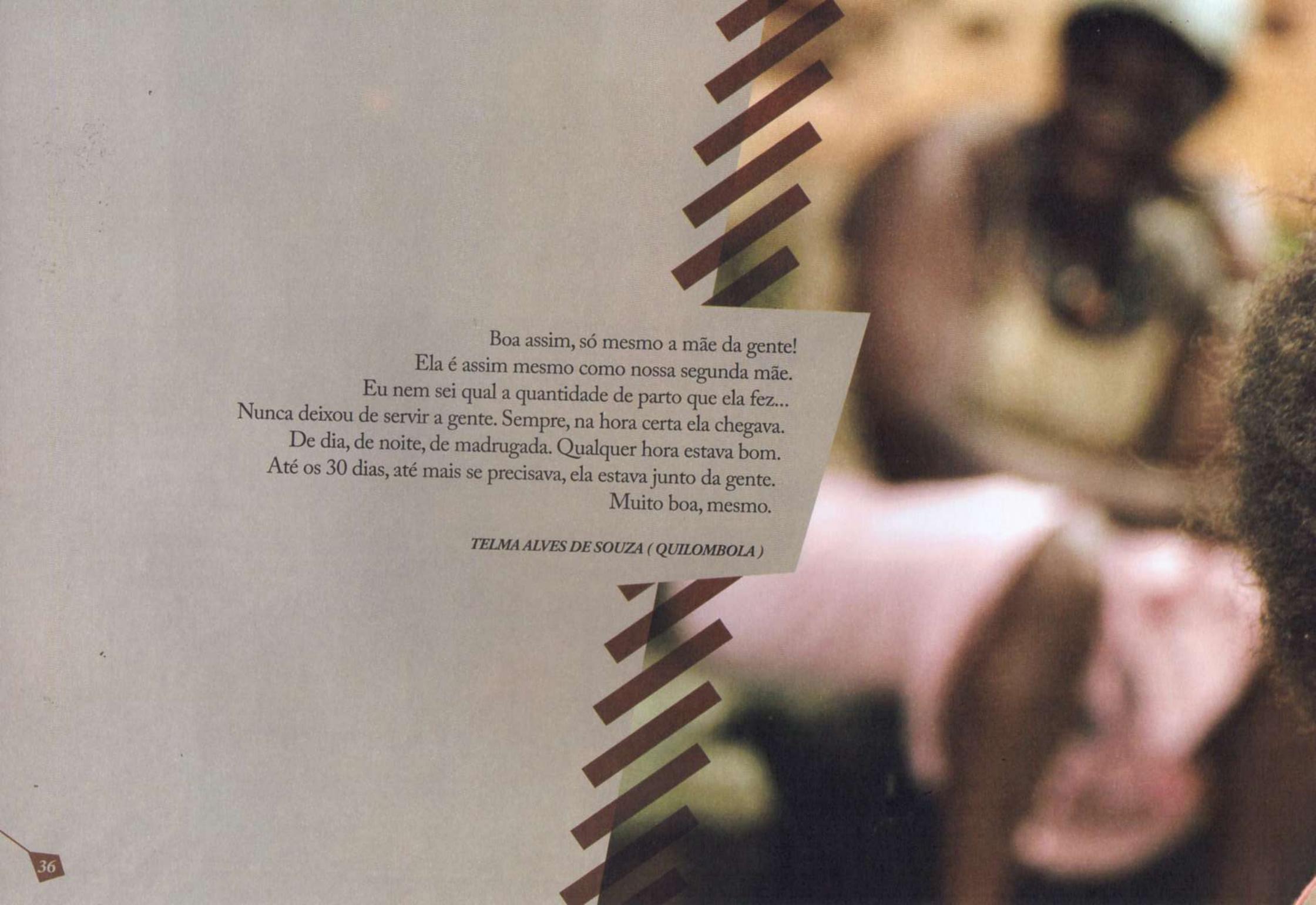
Ninguém conhece Monte Alegre se não conhece Maria.

FÁTIMA BUZATTO

(TURISMÓLOGA, MORADORA DO QUILOMBO)

Prá mim,
considero ela
como uma
segunda mãe.

*EDILÉIA ALVES
DESOUZA
(QUILOMBOLA)*



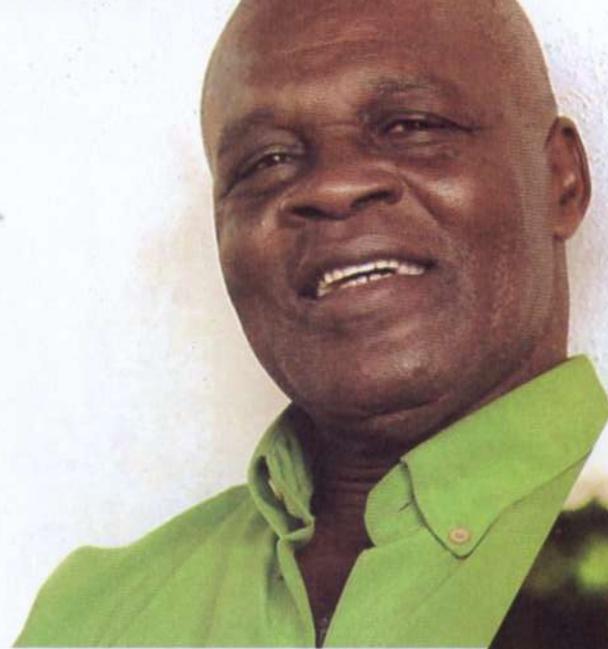
Boa assim, só mesmo a mãe da gente!
Ela é assim mesmo como nossa segunda mãe.
Eu nem sei qual a quantidade de parto que ela fez...
Nunca deixou de servir a gente. Sempre, na hora certa ela chegava.
De dia, de noite, de madrugada. Qualquer hora estava bom.
Até os 30 dias, até mais se precisava, ela estava junto da gente.
Muito boa, mesmo.

TELMA ALVES DE SOUZA (QUILOMBOLA)



Four Seasons Change



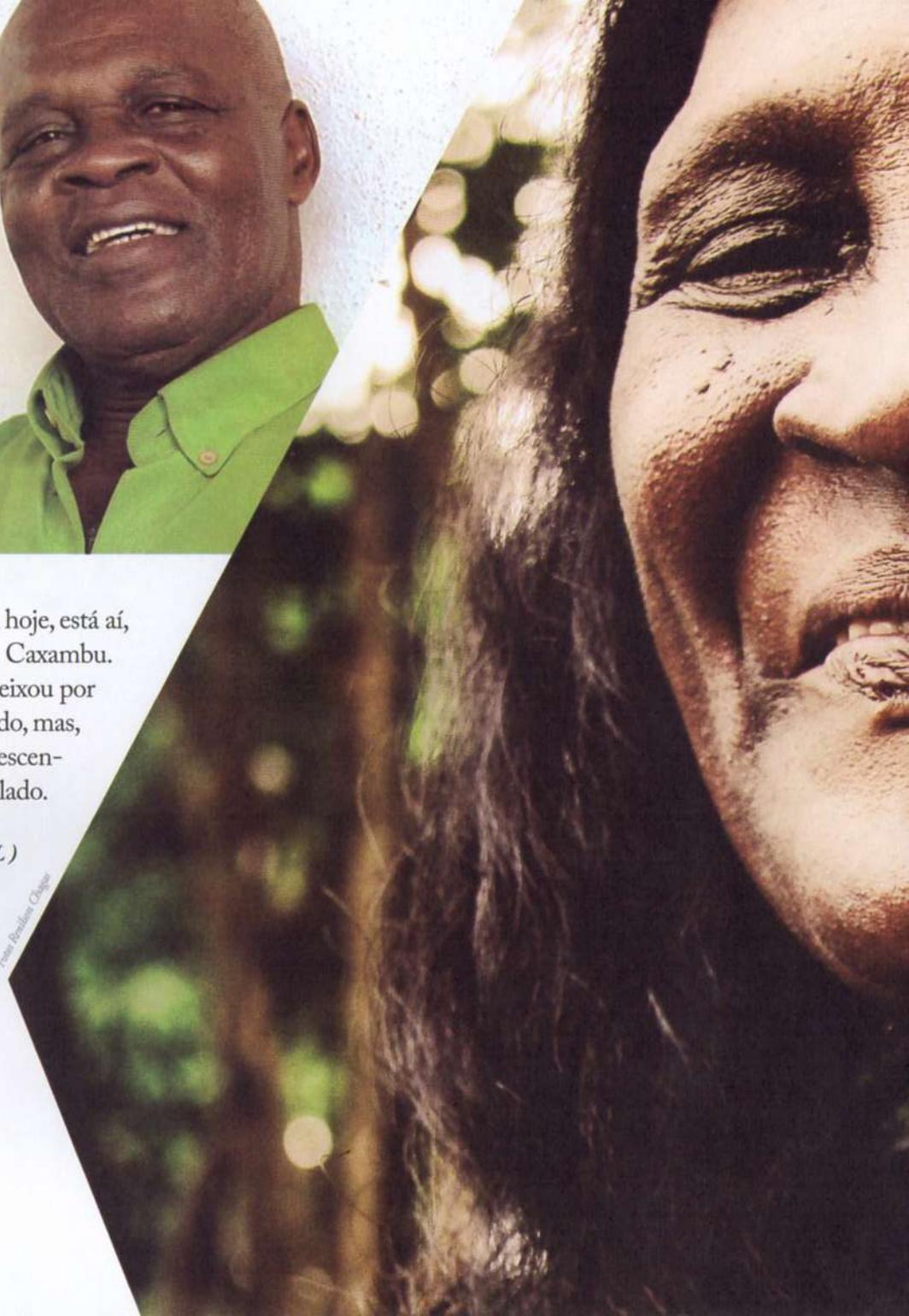


Eu sei que ela foi crescendo e, hoje, está aí,
Maria Laurinda, sendo até rainha do Caxambu.

Eu atendia o povo ali: já tinha um lugar, que o meu pai fez e deixou por
minha conta. E era uma coisa que a gente aprendeu. Foi aprendendo, mas,
depois essa área aí da minha vida foi mudando, foi mudando, foi crescen-
do, fui aprendendo mais alguma coisa, e, partimos para outro lado.

JOSÉ PAULO ADÃO (IRMÃO, LÍDER EVANGÉLICO LOCAL)

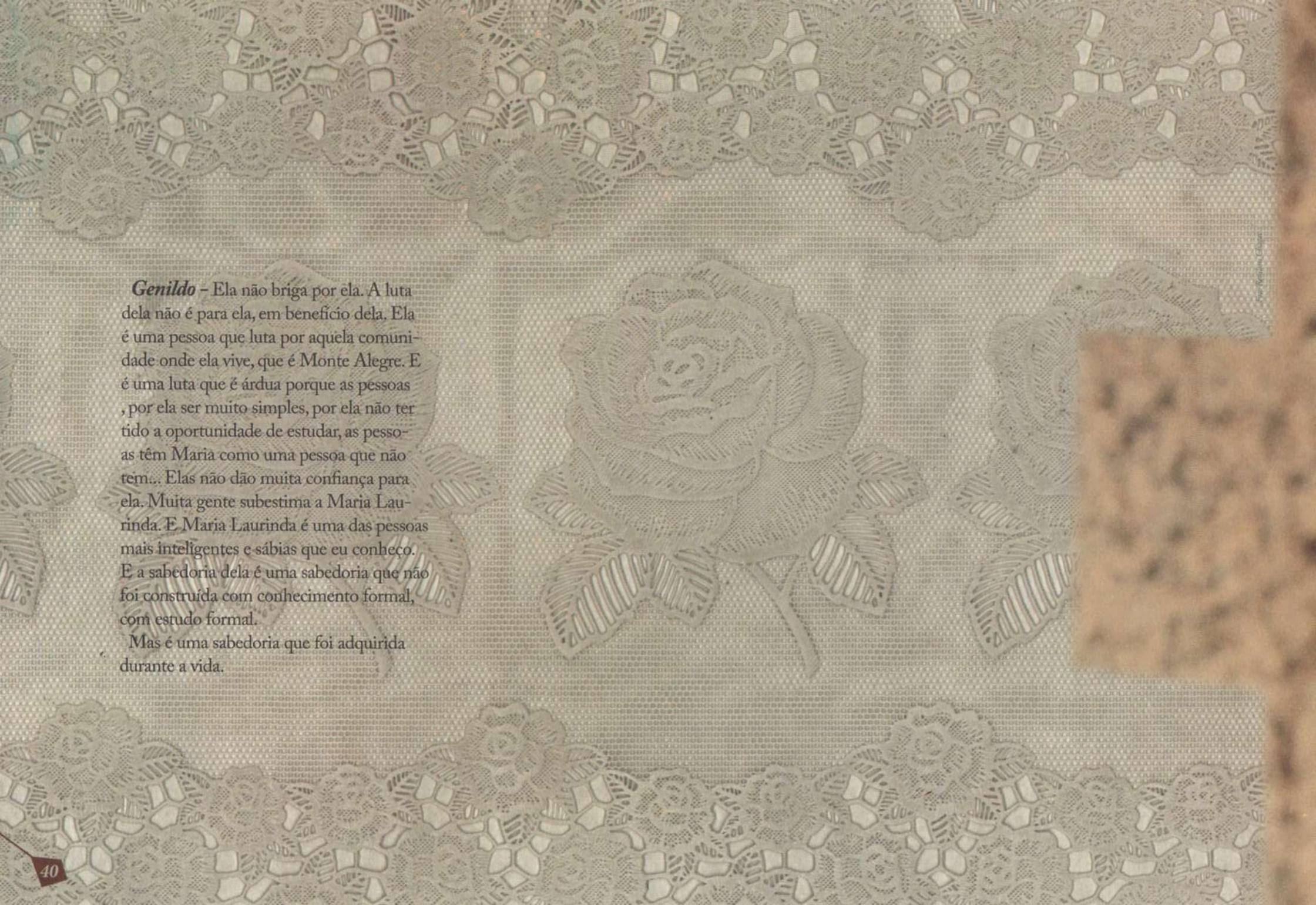
Foto: Ronaldo Chagas





Genildo Coelho Hautequestt Filho
Idealizador e produtor de "Todas as Faces de Maria"

Genildo- Eu conheço Maria há mais de 15 anos. A gente vem fazendo um trabalho de mobilização dos grupos da Cultura Popular durante esse tempo todo. E, durante esse tempo, a gente foi se aproximando. E à medida que eu fui me aproximando dela, eu fui conhecendo muitas faces da Maria e daí surgir a idéia de se produzir este documentário. Ela é uma pessoa encantadora. Eu não conheço ninguém tão honesta, tão correta e tão sincera como a Maria Laurinda.



Genildo - Ela não briga por ela. A luta dela não é para ela, em benefício dela. Ela é uma pessoa que luta por aquela comunidade onde ela vive, que é Monte Alegre. É uma luta que é árdua porque as pessoas, por ela ser muito simples, por ela não ter tido a oportunidade de estudar, as pessoas têm Maria como uma pessoa que não tem... Elas não dão muita confiança para ela. Muita gente subestima a Maria Laurinda. E Maria Laurinda é uma das pessoas mais inteligentes e sábias que eu conheço. E a sabedoria dela é uma sabedoria que não foi construída com conhecimento formal, com estudo formal.

Mas é uma sabedoria que foi adquirida durante a vida.





Genildo - Quando ela recebe um recurso através de premiação do Estado, ela guarda o dinheiro para construir o templo dela e não para construir a casa dela. Porque o templo onde ela vai atender as pessoas é muito mais importante do que a casa em que ela mora. Eu noto, há alguns anos, um movimento de pessoas mais jovens da comunidade, querendo assumir a liderança, mas, que não são lideranças de fato nem de direito. E essas pessoas que tiveram oportunidade de estudar, a oportunidade que não foi dada a Maria, em função das condições sociais e da época, também, essas pessoas tentam atrapalhar, fazem dela como se ela não tivesse a importância que ela tem. Não dão importância a Maria Laurinda.



*O que chateia fica chateado.
Eu nem esquento.
Prá mim não tem coisa melhor
do mundo, a minha vida é uma
maravilha, graças a Deus!*

MARIA LAURINDA



Foto: Penilônia Chagas

Genildo - Trabalhar neste documentário foi uma oportunidade da gente chegar mais perto dela, da gente conhecer um pouco mais Maria; de conhecer faces de Maria que eu ainda não conhecia, apesar de todos os anos de convivência com ela. E prá mim foi um aprendizado fantástico. Acordar de madrugada, ir ao cemitério junto com ela; participar das cerimônias do centro espírita dela. Estar ao lado dela, por mais tempo, só acrescentou para a minha vida. E me faz pensar: - Prá que estudar tanto, como eu estudei e vivo estudando, se a gente tem pessoas que não tiveram essa oportunidade e sabem muito mais do que eu. Conhecendo Maria Laurinda, eu vejo que eu não sou nada. Na verdade, ela se transformou num grande espelho do que eu quero ser. Quem dera que a gente tivesse mais pessoas como Maria Laurinda; quem dera que a gente tivesse pessoas que amam tanto a sua terra, são tão honestas, tão corretas, sinceras, como Maria Laurinda. Infelizmente, não é essa a realidade. E quando eu crescer, eu quero ser como Maria Laurinda. Ela é um grande exemplo de mulher, lutadora, de cidadã. Se alguém quer aprender a ser cidadão, deve aprender com mulheres, com seres humanos como Maria Laurinda!



Foto: Luan Volpato



Foto: Genildo Coelho Hainqueira Filho

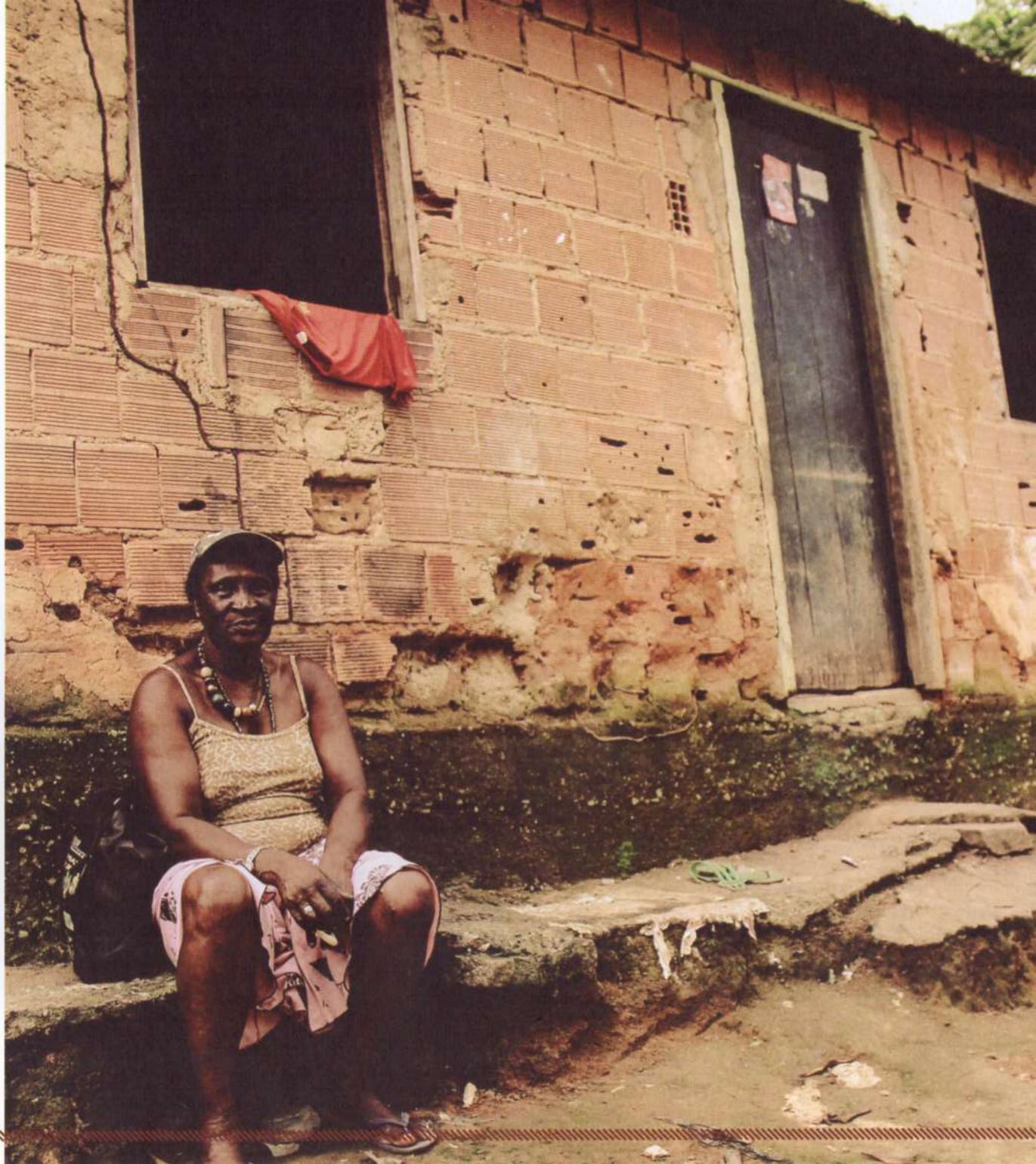




Foto: Renilson Chagas

*A Maria Laurinda
é uma rainha.
Maria Laurinda
é a cara do Brasil.*

(Genildo)



*A gente
tem que fazer
– levantar a
fogueira
com a lenha que
a gente tem!
Maria Laurinda*



Pai e Filho e Espírito Santo, na hora de Deus, Amém!



*Eu não faço separação não.
Que Deus quando veio no mundo ele
olhou até para a prostituta e não
teve separação.*

*Agora, o povo da Terra faz
separação de um pelos outros.*

MARIA LAURINDA





Produzido por:


Gráfica e Editora
(28) 3522-2784 / 3522-7199



ESTE LIVRO FOI PRODUZIDO PELO PONTO DE CULTURA DO FOLCLORE DA ASSOCIAÇÃO DE FOLCLORE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM



SECRETARIA DA CULTURA



Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural

Ministério da Cultura

